

# **“GRANDES PEQUENAS FORMAS”: APOLOGIA DA UTILIZAÇÃO DAS MINIATURAS NO PROCESSO DE APRENDIZAGEM DE REPERTÓRIO MUSICAL**

**Fernando Vago Santana**

Faculdade de Música do Espírito Santo - fernandovagopianista@gmail.com

## **Resumo**

A formação de repertório do instrumentista em fase de treinamento deve priorizar a utilização das pequenas obras contidas na literatura do seu instrumento, postergando para momento mais oportuno a aprendizagem de formas musicais mais arrojadas. A razão para tanto se deve ao fato de que as pequenas formas podem ser compreendidas, aprendidas e memorizadas com maior facilidade, menor dispêndio temporal de estudo do mesmo material e maiores probabilidades de obtenção de execuções de sucesso; além disso, pode o aluno interpretar uma quantidade maior de peças e assim ter contato com um número mais expressivo de compositores e manifestações estéticas.

**Palavras-chave:** Performance, Pedagogia, Repertório, Aprendizagem, Interpretação.

## **1. Introdução**

Em moldes tradicionais, a formação dos instrumentistas em nível de bacharelado exige que o candidato ao título superior se dedique ao aprendizado de uma quantidade razoavelmente grande de obras da literatura do seu instrumento e as apresente periodicamente em público. A partir dessa circunstância, indaga-se: qual o objetivo de se aprender repertório? O mero conhecimento da literatura, que poderia ser feito apenas por apreciação de gravações, ou potencializar o artista que reside dentro de cada estudante?

Pressupondo que o objetivo pedagógico seja de fato estimular a capacidade artística dos alunos, seria melhor autorizar o desafio inconsequente de executar sem a devida qualidade as obras mais exigentes da literatura ou estimular o estudo, o autoconhecimento e as possibilidades individuais de um artista utilizando as pequenas formas?

Pequenas obras musicais constituem um infindável tesouro pedagógico para desenvolvimento do aparato técnico, expressivo e interpretativo dos musicistas. Sua flexibilidade permite que com menor tempo de estudo investido se possa ter contato com um número muito superior de ramificações da estilística musical.

O excessivo esforço em aprender obras extremamente complexas, embora auxilie na disciplina e motivação dos alunos, muitas vezes produz um déficit preocupante na quantidade de repertório acumulado pelo estudante nos seus anos de preparo. Tão grande é a preocupação em se aprender as obras mais cobiçadas que o candidato a bacharel não se informa suficientemente sobre a obra e o estilo de compositores específicos da história da música. Sua formação muitas vezes fica incompleta, deficitária, produz um profissional inábil, incapaz de, por seus esforços individuais, prosseguir como intérprete. A proposta que se segue é uma alternativa para preenchimento dessa lacuna formativa de vários instrumentistas, cuja formação poderia ter sido ainda muito mais rica caso pautada nos conselhos aqui propostos.

## **2. Uma alternativa metodológica para o impasse: a utilização das pequenas formas**

O domínio das peças mais desafiadoras simbolicamente estabelece um rito de passagem que distancia o instrumentista da sua condição de aprendiz rumo à condição de intérprete profissional, e é por isso que existe uma ansiedade

inconsciente por executar o que há de mais complexo. Existe uma pretensão de respeito no segmento social em que esse profissional atua.

Nesse contexto dificultoso, resta ao professor de instrumento encontrar uma válvula de escape que permita orientar seus alunos a ter uma formação completa, tanto em aspectos da solidificação técnica quanto da aprendizagem concernente aos diversos compositores e seus respectivos estilos. Boris Berman (2002) nos lembra das limitações de tempo para o ensino, com quantidade insuficiente de aulas de instrumento, razão pela qual se torna necessário propor uma estratégia de otimização do tempo e dos recursos disponíveis para que haja efetiva aprendizagem por parte do aluno.

Diante dessa situação, parece ser viável a seguinte solução: que o professor incentive os alunos a aprender um número grande de pequenas peças em vez de um número extremamente reduzido de grandes obras da literatura. As pequenas peças são de mais fácil assimilação e podem ser trabalhadas diariamente, ainda que haja pouquíssimo tempo dedicado ao estudo. Com boa orientação um aluno pode aprender um volume considerável de pequenas peças em um tempo relativamente pequeno, tendo assim o privilégio de ter contato com estilos diversos dos diferentes períodos histórico-estéticos da evolução musical.

Para pianistas em início de carreira, por exemplo, é bem mais proveitoso aprender 30 minutos de música que contenham várias pequenas obras musicais do que preencher esses 30 minutos com apenas uma obra, como a sonata de Liszt.

Há pelo menos oito argumentos úteis em favor da priorização das miniaturas, os quais são expostos abaixo:

*Conveniência e praticidade de estudo:* Pequenas peças musicais podem ser estudadas nos pequenos blocos de tempo que sobram ao longo da conturbada rotina, os quais são muitas vezes mal aproveitados sob o pretenso argumento de não constituírem, a rigor, uma "hora de estudo". Subterfúgios como o velho adágio "não deu tempo de estudar" caem por terra, porque peças de duas a quatro páginas requerem apenas frações de hora para serem dissecadas em suas mais íntimas minúcias. Assim, fica possível estudar em consonância com os princípios cognitivos da mente humana, objeto de pesquisa de Kochevitsky (1967), Sá Pereira (1948), Kaplan (1987), Fontainha (1956) e Coyle (2009). Gieseking e Leimer (1972) ainda sugerem que a maior parte da aprendizagem da peça se dê mentalmente, longe do piano. Boris Berman e Josef Hofmann (1976) consideram válida essa possibilidade.

*Maior conhecimento dos estilemas e da linguagem de compositores e manifestações estéticas específicas:* quem aprende 60 minutos de repertório preenchidos por três grandes obras estudará, com sorte, três tipos de manifestações estéticas. Quem preenche os 60 minutos de um recital com diversas pequenas obras, tem acesso à linguagem e ao estilo peculiar de um número muito superior de compositores e estilos.

*Maior assimilação de repertório pertencente a gêneros composicionais e estilos diversos:* não apenas o instrumentista passa a conhecer mais literatura, mas também executa uma maior diversidade de peças. A utilização das pequenas formas multiplica a quantidade de peças prontas para execução, tanto em critério quantitativo quanto qualitativo. Uma análise instrutiva sobre os efeitos da complexidade musical no estudo e aspectos concernentes à assimilação memorizada de repertório foi promovida por Chaffin, Imreh e Crawford (2012).

*Maior adequação do repertório a situações que exigem apresentações sucintas:* Muitos instrumentistas pecam por não terem pequenas peças prontas para execução em jantares, reuniões, encontros de amigos e outras situações fraternais similares. Em contextos dessa natureza, executar na íntegra uma sonata de Beethoven pode ser enfadonho para os ouvintes, enquanto a execução de uma pequena peça ou grupo de pequenas peças sempre será recebida com contento e entusiasmo pelos ouvintes presentes.

*Maior estímulo à improvisação, uma arte perdida entre músicos eruditos:* No documentário *The Art of Piano: Great Pianists of the 20th century*, Glenn Gould frisa a importância de se saber improvisar no estilo e na linguagem do compositor que se executa. Bach, Beethoven e Liszt, apenas para citar alguns, eram grandes improvisadores, e seus herdeiros deveriam ser capazes de também fazê-lo. Peças estruturalmente simples podem servir de estímulo à criatividade de um pianista que não tenha o hábito de ser inventivo, de improvisar. Stewart Gordon ressalta que a improvisação era parte essencial de ser músico em eras passadas (2001).

*Ter de fato o que tocar, quando solicitado e em qualquer circunstância:* Arthur Rubinstein poderia ser acordado em qualquer instante da noite e estar pronto para tocar qualquer um dos concertos mais difíceis do repertório pianístico, afirma o maestro van Remoortel. Hodiernamente tem-se uma carência excessiva de prontidão para executar música. Com as pequenas formas é possível estar sempre pronto para fazer música, seja qual for a ocasião. A carreira de performance oferece vários desafios, bem sintetizados por Stewart Gordon (2010), exigindo um conjunto de virtudes para

que nela haja êxito. Ter um repertório consistente torna-se *conditio sine qua non* para quem intenta tal carreira.

*Maior possibilidade de focar em aprendizado técnico-artístico, em vez de aprendizado meramente técnico-mecânico:* como bem ressalta Reginald Gerig (2007), os indivíduos confundem técnica com mecânica e também confundem técnica com virtuosidade. Tais conceitos não são sinônimos, embora o conceito de técnica abstratamente considerado contenha em seu interior tanto a mecânica quanto a virtuosidade. Estes são elementos constituintes da técnica, mas não constituem a técnica propriamente dita, de acordo com o ensino do professor russo H. Neuhaus (1998). Técnica no grego significa arte; é o meio para que se atinja uma determinada finalidade, o fazer musical artístico, retoricamente convincente. Com a aprendizagem de um volume maior de repertório de menores proporções estruturantes, o instrumentista pode focar em resolver maiores quantidades de problemas menores, de maneira a ampliar sua capacidade de estudar de forma eficaz, desenvolver sua paleta de cores e explorar seu temperamento ao extremo, ampliando a sua capacidade de, à semelhança de um ator, se transfigurar em diferentes personagens.

Finalmente,

*A aprendizagem de um maior número de peças estimula o autoconhecimento do artista:* É cômodo iniciar uma obra pequena, se identificar com ela e com seu compositor ou rejeitá-la prontamente e dela se distanciar. Quando isso ocorre após muitas horas de estudo em uma grande obra, a frustração é bem maior. Ao estudar miniaturas, o pianista pode explorar suas próprias possibilidades técnico-interpretativas e assim definir se quer continuar com uma determinada peça musical ou dela desistir. O processo de separação e divórcio do instrumentista em face de uma pequena peça é muito menos traumático do que quando isso acontece com uma obra emblemática, a qual o artista sonhou tocar mas não se viu capacitado para tamanho empreendimento. As consequências psicológicas sobre o estudante são muito menos danosas quando este lida com obras menores. As grandes obras, baluarte da literatura de um instrumento, só merecem ser executadas com a dignidade que lhes é devida. Se o instrumentista não possui ainda condições de fazer justiça à obra de arte, é melhor que não a toque. É mais sábio investir em pequenas obras até que se esteja capacitado a executar com mestria as tão almeçadas grandes formas da literatura do seu instrumento.

### 3. Conclusão

Praticamente todo o adestramento técnico de um instrumentista pode ser feito utilizando pequenas peças musicais, cujo conteúdo interpretativo supera o de exercícios mecânicos. A principal vantagem é a de que com o estudo das peças aprende-se um conteúdo que pode ser executado em público, uma vez que os benefícios didáticos são extraídos de modestas obras de arte, enquanto os mecanismos nunca deixam de ser o que se propuseram a ser desde o início: exercícios rotineiros de pouco ou nenhum valor artístico e sem interesse estético para os ouvintes. A literatura pianística, por exemplo, é muito vasta e rica, como bem lembra Gordon (2014). Merece, pois, ser estudada com afinco.

Após as reflexões expostas espera-se que os professores e instrumentistas se proponham a explorar a “grandeza das pequenas formas musicais”, a fim de que descubram nelas seu valor intrínseco, imanente, e para que extraíam delas toda a substância da sua poesia. Para ser um grande artista não é necessário tocar as obras mais desafiadoras. O verdadeiro artista se conhece quando tal indivíduo retira das mais simples estruturas musicais um conteúdo poético, uma mensagem metafísica que não apenas faça com que seus ouvintes o celebrem por sua virtuosidade e pujança, mas também por sua capacidade de fazer-lhes lembrar que são humanos, que podem sentir, que podem se emocionar. Não sentir o que se toca, ensinam Abby Whiteside (2003) e Madeline Bruser (1999), é o mesmo que não tocar.

### Referências

- BERMAN, Boris. *Notes from the Pianist's Bench*. Yale University Press, 2002.
- BRUSER, Madeline. *The Art of Practicing: A Guide to making music from the Heart*. Three Rivers Press, 1999.
- CHAFFIN, Roger. IMREH, Gabriela. CRAWFORD, Mary. *Practicing Perfection: Memory and Piano Performance*. Psychology Press, Reprint edition. 2012.
- COYLE, Daniel. *Greatness Isn't Born. It's Grown. Here's How*. Bantam; 1st edition, 2009.
- FONTAINHA, Guilherme Halfeld. *O ensino do piano: seus problemas técnicos e estéticos*. C. Wehrs, 1956.
- GERIG, Reginald. *Famous Pianists and Their Technique, New Edition*. Indiana University

Press: 2nd edition, 2007.

GIESEKING, Walter. LEIMER, Karl. *Piano Technique*. Dover Books on Music. Dover Publications. 1972.

GORDON, Stewart. *Etudes for Piano Teachers: Reflections on the Teacher's Art*. Oxford University Press, 2001.

GORDON, Stewart. *Mastering the art of performance: a primer for musicians*. Oxford University Press. 2010.

GORDON, Stewart. *Planning your piano success: a blueprint for aspiring musicians*. Oxford University Press. 2014.

HOFMANN, Josef. *Piano Playing: With Piano Questions Answered*. Dover Publications, 1976.

KAPLAN, José Alberto. *Teoria da Aprendizagem Pianística*. Porto Alegre: Ed. Movimento, 1987. 2ª ed.

KOCHEVITSKY, George. *Art of Piano Playing*. Alfred Music, 1967.

NEUHAUS, Heinrich. *The Art of Piano Playing*. Kahn and Averill, 1998.

PEREIRA, Antônio de Sá. *Ensino Moderno de Piano: Aprendizagem Racionalizada*. 2ª ed. São Paulo: Ricordi Brasileira, 1948.

WHITESIDE, Abby. *Abby Whiteside on piano playing*. Amadeus Press, 1997.

#### Endereços eletrônicos:

The New York Times <<http://www.nytimes.com/learning/general/onthisday/bday/0128.html>> Acesso em: 15 de outubro de 2014.

The Art of Piano: Great Pianists of the 20th Century. Disponível em YouTube. <<http://www.youtube.com/watch?v=vpIMAAPTze8>>. Acesso em 15 de outubro de 2014.